Visado pela Comissão de Censura

e 25 ıção dos c no icana de ado,

mpé-

tan-

s da e ela xes,

uito

), fi-

ções

strar

s fi-

dei-

uma i, os

lino

te o

bele-

1 se-

ssim

por

a vi-

ares

ias é

utos

omo

que

enzi-

for

a de

mais

ésa-

tori-

e ser

šes e

ente

Não

uem

den-

m o

Luis

suas

ação

pois

gun-

abo-

Não

não

ra-

uém

são

fo-

inha

uma

nos

-91

não

en-

fu-

ca-

Não

0>>

na

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

AND VIII N.º-189 Preço I\$00

Casas para o DOVO morar

SALVO melhor opinião, eu tenho que a falta de abrigos para o homem, é um problema eminentemente cristão. E impossível conservar a té e a pureza de costumes em casas de habitação aonde, além de tudo o mais, falta o espaço. Um dos nossos rapazes, que se encontra empregado e é, felizmente, o braço direito de uma família numerosa; esse rapaz, digo, costuma vir a Paço de Sousa fazer o fim de semana. Hoje de manhã, não se teve que não entrasse trancamente pelo meu quarto dentro, a dizer la sua alegria por ter dormido bem e a revelar que em sua casa dormem três mais ele na mesma enxerga. Não temos espaço, disse. Um outro rapaz que toi e ainda é nosso, encontra-se colocado e é hoje amparo da sua mãe e de uma irmã menor. A casa aonde habitam tem as me lidas e a configuração da capoeira aonde guardas as tuas galinhas. Ele vem aqui vezes a miudo. Ele reconhece o perig, e a indecencia. Andamos a tratar do caso, sim; mas ele há na nossa Pátria milhares e milhares e milhares de casos identicos, tão urgentes como este e infelizmente ignorados. Sim, torno a dizer. E impossivel conservar a té e a pureza de costumes, sem casas para morar.

O Envangelho é uma doutrina tão subida que um homem sem esperanças dela é incapaz de a escutar muito menos praticar. Sobretudo, quando esse homem, quase desesperado, passa rente à porta de felizes, segundo o mundo, e bem instalados. Os homens a quem nesta vida nada falta, podem, sim, faxer discursos; mas a massa enorme dos que não têm, não acreditam. Só pela humil lade. Só pela inquietação de possuir. Só por um desejo sincero e eficaz de remediar. Só. tinalmente, por uma identificação profunda com os que não podem. Doutra maneira, por outros processos, não convence nos nem vencemos. A falta de abrigos para o homem é un problena eminentemente cristão.

Mais. Nós estamos em frente do chamado problema de excesso de população. As estatísticas são claras. E eu acredito nos números. Pois bem. Vamos raciocinar. Um raciocínio simples e inteligente segundo as normas do Senhor. Ele é o Mestre. Ora assim como no seio de uma família cristã, à medida que ela vai crescendo, os pais vão pensando na maneira de alargar a casa; assim também nós, membros que somos de Uma Família, ao sabermos que há gente a mais, procuremos instalações adquadas. Se assim não o faxemos, aderimos implieitamente ao Birth Controle dos americanos e outras doutrinas táceis de filósofos contemporâneos.

Campanha dos cincoenta mil

O**S se**nhores querem saber quantas assinaturas já vieram, desde que campanha saiu para a rua; querem saber? Pois eu dia passar de duas mil!

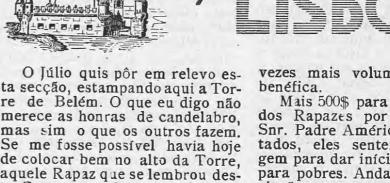
querem saber outra notícia alegre? Querem? Pois eu também digo: a maioria paga mente.

E já agora que estamos em maré de boas notícias, aí vai mais esta: os pedidos continuam a ser feitos directamente aos Rapazes da Administração, em cartas de espuma e de vigor. Eu, a minha ilustre pessoa, está no lugar que the pertence a ver ao espelho as suas rugas e cabelos brancos. Lindas vistas!

que eu pretendo é transmitir.

Transmitir em vida, para morrer com a certeza de continuidade de acção.

Vamos prós cincoenta mil, sim senhor.



re de Belém. O que eu digo não merece as honras de candelabro, mas sim o que os outros fazem. Se me fosse possível havia hoje de colocar bem no alto da Torre, aquele Rapaz que se lembrou desta Casa com o donativo de trinta contos. Contemplado inesperadamente com uma herança enorme, ele soube lembrar se dos Pobres como outros se lembraram dele. Desde 1947 que não recebiamos um donativo desta categoria, nem agora o receberiamos, se ele tivesse logo perdido o equilíbrio nos casinos, como a outros tem sucedido.

Damos graças a Deus, por ele e por nós.

Tudo merecem estes rapazes das nossas casas, que são capazes de grandes sacrifícios. Acabam de chegar a casa, quatro deles, que quiseram ir a Fátima de bicicleta. São trezentos e tal quiló. metros que calcurrearam em poucas horas, para poderem, por momentos, rezar junto da Mãe de Deus pelos nossos Benfeitores.

Formosos donativos são também os chegados do Brasil e da A'frica. Vieram umas poucas de malas com açucar, roupas, calçado, brinquedos, etc.

O medo das Alfândegas tem impedido que um mundo de coisas embarque para cá. Mas os tempos agora vão melhores.

O Director da Alfândega quer ver com os seus próprios olhos. não como funcionário, mas como Amigo das crianças, a beleza do que nas caixas vinha. Alegrou-se com tudo e maior seria a sua alegria, se assistisse aqui à chegada e distribuição do conteúdo das malas.

No Patriarcado alguém depositou mil; outro tanto deixou aqui um visitante nas mãos do cicerone e, nas minhas, mais outra visitante deixou igual quantia para os estudantes. E uma mãe que sente as mesmas dificuldades e alegrias com os seus filhos estudantes, que nos sentimos com os nossos rapazes. O Chico das Pombas, fê-la chorar enternecidamen-

No Montepio Geral, vai caindo também chuva de toda a espécie. Umas vezes miudinha, outras

vezes mais volumosa, e sempre

Mais 500\$ para a Conferencia dos Rapazes por intermédio do Snr. Padre Américo. Assim alentados, eles sentem-se com coragem para dar início a uma casa para pobres. Andamos em negociações com o terreno.

Mais 200 dos pequenos alunos da Escola de Algés; 20 da Carvoeira, 20 da Sapataria; 100 em carta, outro tanto duma "Figueirense" para a tuberculosa das tocas e mais cem para outras tocas. Quem desta se lembrou, fique sabendo que os deixei na incomensurável Curra eira, nas mãos dum pobre tuberculoso, com dias contados, tendo ao lado um filhinho de dois meses a respirar o mesmo álito. A forgonete tem ido por mobilias, roupas e livros.

Precisava de revistas sãs e instrutivas para doentes dos sanatórios.

A igreja do Coração de Jesus não ficou atrás das irmãs. Como sempre tem acontecido, dentre a assembleia surgem almas doridas a desabafar o seu calvário e a procurar o alívio no muito que dão. Desta vez era uma mãe de família, com o marido e uma filha doentes, e individada, que mesmo assim ultrapassou, em generosidade, a maioria dos restantes ouvintes. O total foi de 8.340\$

De um bom amigo do Tojal, veio uma vitelinha que é o brinquedo dos batatas e dos filhos de boas famílias lisboetas que nos visitam. Mais seis cabeças de sufno, oferta das Autoridades de Lou-

Muitos embrulhos de roupas, em São Domingos, no Montepio Geral e pelo Correio; 200 para os Pobres do Barredo, de Coimbra e das Furnas; 230 provenientes da diferença de contas e 347 pelo mesmo motivo; 20 para os pobres da Conferencia; 100 do aumento de ordenado e "pelo bem que a Obra tem feito à minha alma, e 50 para os pobres em cumprimen. to duma promessa por um filho querido, e 20 de outra promessa.

Empregados da Vacuum e da Nestlé continuam a desafiar os tempos. A última prestação da Vacuum era a 47.ª. Senhor Jonet, mande o mais necessitado.

P.e Adriano

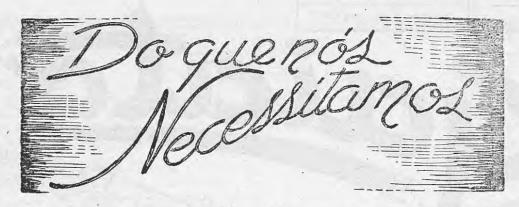
AGORA

A nota de maior ternura do Ago-ra de hoje, está na Senhora dos Pobres. Senhora dos Pobres é a doce designação que o Licinio dá a uma Senhora do Porto que costuma ir com ele ao Barredo. Ela tem um estabelecimento na Rua Santa Catarina. E é tudo quanto eu sei. Esta Senhora feliz, tem comprado últimamente coisas para munir as casas dos pobres, que vai entregar no nosso Lar do Porto; eu, de lá, conduzo a Paço de Sousa. São roupas de cama. São loiças de barro. São talheres. São colheres de pau. São as pequeninas riquezas que o pobre aprecia e das quais, por penúria, se vê privado. Eu quero muito a esta Senhora dos Pobres. O seu título de Senhora está, mesmo, no amor que lhes consagra. Amor eficaz. È ela quem escolhe. É ela quem compra. E ela quem medita na necessidade e na utilidade dos objectos É feliz.

Um visitante rapou de uma nota de mil e disse que era para uma pedra. Vai aqui um vicentino a dizer que a talta de casas é o maior problema dos pobres. E quer dar uma telha; 20\$00. Segue-se um outro caso cheio de humanidade: Estou em vésperas de ser mãe; meu marido desempregado e sem casa. Tenho pedido a Deus para a ter quando vier o meu filhinho. E tira da sua pobreza 70\$00. Quem pode comentar?! Vai a Aurora de Lisboa com 50\$00. Um senhor do Porto encorpora-se com 400\$00. Vai ao pé alguém com 25 deles. De Vouzela vieram 75\$00. E de Guimarães 20\$. E da Cova da Iria dois contos e quinhentos. E de Satão vai um vidro; 20\$00. Vila Real fala com 50\$00. De Silves vieram pedras; 250\$00 delas. Mais uma pedra de um Noelista, 100\$00. E 20 deles. No coice vão doze contos, uma casa inteira, com vidros e pedras, e telhas e madeira e tudo. Foi um senhor que mora no Porto. Quando lhe falei, ele foi buscar 10 contos e eu disse que não. São dose. E este senhor que me ia dar os 10 como quem orin-ca, foi bu car mai 2 a brincar. Este senhor é um homem completo; tem que dar e tem vontade de dar.

Ficamos hoje em cincoenta contos edondos. Temos para 4 casas. Já estão 6 delas com telha. No próximo número espero inserir fotografias não para que acreditem; eu sei que todos acreditam. Eu chamo, até, um mila-gre de confiança, isto de me entregarem nas ruas, dúzias de contos para construir casas, sem an tes me pe guntarem pela planta nem quererem saver de como e aonde elas vão ser construidas. Sim, não é para que acreditem que vamos publicar fotografias; é para que vejam. Vamos então permutar. Eu gosto do negócio da permuta; não entra a moeda A moeda é um perigo. Então quê? Confiança por confiança. Tu depo itas iniei a confiarça em mim. Eu deposito plen i confiança em ti, e desta sorte, por este caminho, vamos todos aliviar penas dos nossos irmãos.

P S.-Falta-me dizer que está desde já abert a inscrição para uma dúzia de l i os, roupas e colchoria; e que a estação de Cete di ta três quilómetro da Ca a de Gaiato; e que o serviço da C. P. encarrega-se de receber e de entregar; e que, finalmente, a darmos as casas demos, também se camas. -Ficamos em 50.000\$0



MAIS uma de Palmela que envia 500\$00. A carta não diz mais nada. Mais 50\$ para o Barredo. Mais 50\$ para pobres tuberculosos. Os nossos vicentinos do Porto andam a ver se conseguem um leito em um Sanatório para um pequenino de 8 anos, já tuberculoso, pois dorme na mesma cama com seu pai, tuberculoso. Mais 100\$00 de Figueiró dos Vinhos. Mais um fato usado de Tortoz-ndo. Mais 500\$. Mais 80\$00 para as conferencias e para o Barredo. Mais do Porto 50\$00 pelos favores que Deus me vai concedendo. Mais idem da primeira semana de ordenado dum meu filho; com esmolas tão altas pode-se tazer muito. Mais 20\$ de Pedrogam de uma que fica com as lágrimas nos olhos por não poder dar mais. Não tenha medo. As lágrimas é que são. As lágrimas é que valem. Mais 50\$ de Cantanhede pelo vigéssimo quinto aniversário do nosso casamento. Não há esmolas sem dedicatória. Obra da Rua quanto te não quero eu!

Mais do Porto 50\$00 por uma graça que me foi concedida por intermédio do nosso Sanio Padre Cruz: Mais 20\$00 e um lençol enxoval de noiva, tirado ao meu.

Mas isto cansa isto esgotal Senhor de Misericórdia; quem é que semeia o joio em searas tão prometedoras! Mais roupas usadas de uma mãe de 4 filhos.

A B., digo que se recebeu tudo. Aqui chega tudo. Mais um
lençol de linho fiado por munha
avó. Ainda estamos para saber se
a Humanidade é hoje mais feliz
com as maquinas do que dantes
com a rocal Mais roupas dos
meus filhos. Mais peugas. Mais
oitenta e cudos. Mais 250\$00.
Mais de Silves 600\$ dentro duma
carta formosa Mais de Sá da
Bandeira roupas usadas. Mais 20\$
Mais 100\$. Mais 50\$00 de Espinho.

Queima das fitas

TOI no dia 16 de Maio que cincoenta dos nossos rapazes foram à cidade do Porto e na companhia de outros tantos Estudantes, fizeram o dia de Beneficencia, integrado no programa das suas festas. Não dou com a palavra adequada para agradecer este amor de preferência.

Os nossos sairam daqui de manhãzinha. Ouvia-se o barulho na Estação enquanto esperavam o comboio. Abel foi a tomar conta. Enquanto pensava no risco e na responsabilidade de deixar tamanho lote entregue aos cuidados do Abel, eis que, o Amândio passa à minha vista debaixo da janela do meu quarto de dormir; « ele deu me alento. Amandio é filho de um pai ilegít mo. Amandio tinha a mania e fez a sua carreira atrás das camionetes com ousadas viagens por todo o Portugal A presença do Amandio sossegou-me. Mas há mais, el há mais e melhor. Foi a cabeça; dores de cab ça. Com tanta violencia me assaltaram naquele dia eu tive de as curtir escondido num quarto que não era o meu para que ninguém desse comigo. Ora a dor não é coisa que se bote fora. A dor livra o homem de muitos perigos e também pode defender estranhos. A dor é condimento Divino. A dor é autora de grandes real zações. Ainda tinha do es quando eles regressaram no derraderro comboio. Era noite. Quis saber d s mais pequeninos.

—Estavam todos graças a Deus.

Mais roupas de Viseu. Mais ditas de Mirandela. Mais 25% de Caldas da Saúde. Mais 20\$00 do Porto. Mais roupas de Lurenç Marques. Mais 50\$00. Mais 50\$00 do pessoal da distribuição do Comércio do Porto. Mais de Catenheira de Pera. Mais 20\$. Mai 20\$. Mais de dois anónimos pela saúde dum doente. Mais 750\$00 do J.sé Vaz. Mais 70\$00 de Chaves. A sua carta de 6 de Maio, digo que sim senhor; recebemos os mil.

No, recebemos aqui de tudo; umas ap gam, outras espevitam. São des as cartas que nos publicamos Nos queremos luz. O Evangelho é luz—Luz da Luz.

Pesso muita descupa por so agora monder mes eu fis. um Val e fizerão-me muitas complicaçãos e resolvi mandar da mareira mais pratia.

Ora sin senhor! Esta lecra é da Serviçal do Hotel Lz, de Leiria, que sa fez assinante e hoje manda 300\$! Armaram-lhe muitas complicações nos C. T. T. e ela esc lheu maneira de se sufar

Leiria fica perto de Aljuburro-

ta..!

E mais nada.

Venda do Jornal

ACABO agora mesmo de ouvir os vendedores de Braga, de Guimarā se de Viana. Sobretudo estes, Tangerina e Hélio. O artigo pedinte de sediclos, que morava numa toca, perdino nos montes..! Ele vale a Obra. Ele vale os meus tormentos. Ele levanta o Mundol

Ele colocou-se no meio do escritório e reproduziu o sermão do Senhor Padre Constantino, no Cinema da terra. Ao que ele me disse, não venderam todos os jornais à hora das missas, p r causa de uma missa muito g ande e com muitos soldudos, segundo a informação. Que às 5 da tarde ainda ele e Tangerma, tinham muitos números por vend r. Foi então que Padre Constantino, não esteve com meias medidas. Entra no Cinema, sube ao palco. Que bidre nosso amigo, exclama aqui o Hélis! Como ele nos a na, repete o informador! O povo dava muitas palmas e no intervalo compraram-nos tudo. O Zé Ranchevo, também é hoje pessoa aqui muito falada Todos querem ir a Viana por sua causa. Tangerina in ornia que em Maio vem cá muita gente com muitas coisas. E diss-ram t nto e tanto, que eu fiquei esgotadol

Abel falando de Guimarães, informa que and a tratar das coisas para a gente ir ali ao Cinema. Por que trate. Eu cá vou aonde eles quizerem que eu vá.

TRIBUNA DE COIMBRA

1) Esta encomenda é para a mãe que tem os filhos doentes.

Era o dístico que acompanhou até ao nosso Lar de Coimbra uma mulher com um cesto de batatas e cebolas e feijão frade e mais. O resto Deus sabe.

2) Junto à presente, encontrará uma nota de Esc. 20\$00, para o meu bom Padre entregar àquela Mãe que tem \$ fithos Que DEUS se compadeça deles e de nos também.

um

me

di

os do

na

no

da

car

a (

a s

ma

pa: em

gêr

mo

Bei

sei **4**5

CO

no da

ta

mı

La bo Co to

pc lo Ti ni bc

qı ai

Não é grande a quantia, por que var para outro lado, algum, pelo amor de DEUS. Que DEUS proteja os meus filhos — 3 — que tantos eles são. É um senhor de Vila Nova de Gaia.

E um senhor de Vila Nova de Gaia. Pelo respeito com que ele escreve o nome de DEUS se vê a grandeza da sua alma. Tudo letras grandes. Para Deus tudo é pouco. Quem a sim respeita até só o nome, mais deve respeitar os pobres, que são a imagem de Deus. Este senhor trilha o bom caminho.

3) Se Jesus não tivesse subido ao Céu
— jaz hoje anos — nós não teriamos recebido o Consolador. É Este, o divino
Consolador, que manda que enviemos
estes 50\$00, tirados do nosso vencimento de funcionários, para que V. possa
ter a consolação de os dar à pobrezinha
que o marido abandonou com 8 filhos,
para ir procurar outra mulher e que
precisa de estreptomicina para a filha.
Todos seremos consolados no Senhor:

V. perque dá; ela porque recebe; nós porque damos. Peço ao Senhor que abençõe o Lar de uma Maria e um Luís.

Alcanena—Ascenção do Senhor—1951.

Que lição de profunda Teologia! Eu guardo cá bem dentro. Isto é a aplicação

Que lição de protunda Teologia! Eu guardo cá bem dentro. Isto é a aplicação da teoria que aprendi nos bancos do Seminário. Nada fazemos de bem sem a iluminação do alto: o Consolador. E por isso três consoladelas: a do recoveiro dos pobres, a dos pobres, e a de quem dá. Já tinha pensado que isto seria pedir de mais; mas agora vejo que não. O nosso pedir é a ocasião da acção do Consolador e de toda esta doutrina.

Três consoladelas. Eu vou continuar a pedir. Não peço nada para mim. Os culpados do meu pedir é a mão escondida do primeiro, o DEUS do segundo e o Consolador do terceiro. E veio o Snr. P.º Américo e toma

E veio o Snr. P-e Américo e toma cincoenta que te manda um senhor de Biaga para a tua pobre da Tribuna; e chega o Snr. P-e Adriano e pega o mesmo de uma senhora de Lisboa para a tua pobre do joinal.

E agora digam-me se nos podemos calar. P.º Horácio

Excursões

ENTRE todas quantas nos procuram, ao domingo, quero assi-

nalar uma que veio de Valongo, formada pela Juventude Agrária da vila, acompunhada de um sacerdote e de uma grande massa operária das minas de lousa. A Direcção of receu dois contos. J garam a bola com o nosso grupo Trouxera n duas regueifas—pneus. Os do nosso "Morris" são

mais pequenos...

Entre o povo, tive a consolação de conversar com uma viuva ainda nova, mãe je trezefilhos, doze dos quais vivos, tendo ao pé de si a mais pequenina, de seis anos. Disse-me ela que, tirante as saudades do seu marido, é muito feliz pois vive na companhia dos seus filhos e todos ganham o pão de cada dia, trabalhando em lápis de lousa. Uma outra mulher entregou-me 100\$00 duma doente daquela terra. Mais uma mãe desolada, que me entrega 67 moedas de 5 tostões, representativas de outros tantos sacrifícios que uma sua filhinha de 9 anos fez enquanto bebia outros tantos copos de leite. Bebeu o leite com natural repugnancia, por amor de Deus. Bebeu e morreu. Grande testemunha temos no céul

Quero assinalar, devo assinalar a excurs 10 de Valongo.

PELAS CASAS DO GAIATO

S. JOÃO DA MADEIRA Como já aqui fa-confer-ncias de S. Vicente de Paulo, venho mais uma vez narrar alguns trechos dessa necessidade espiritual. Cumpre a quem é rico, ou mesmo remediado, auxiliar os pobres, não só por conferencias, mas também por outros meios. Ser pobre não humilha ninguém. Há até pobres bem dignos da nossa estima, da nossa protecção; são os bons chefes de familia que, trabalhando todos os dias, ou aqueles que, por falta de saúde aada podem fazer ou então com dificuldades para se manterem a si e aos seus.

RA

é ao

com eijão

uma bom m & les e

vai r de s fi-

aia.

no-

sua

)eus

. até

ires.

Céu

s re-

11105

zen-

ossa

nha

hos,

que lha.

2çõe

951.

Eu

se-

m a

por dos

r de

ola-

luar

Os

ndi-lo e

r de

200;

a o ara

ssi-

on-

rá-

um

ssa

A

os.

ru-

ção

iin-

OZe

e si

sau-

uito

dos

pão

lápis

en-

e da-

leso-

ledas

uma

uan-

l re-

unha

nalar

Be-

de

de

Dar de comer a quem tem fome e vestir os nus são velhos preceitos cristãos que não devem andar esquecidos pelos ricos e remediados da nossa terra, onde, louvado seja Deus, nunca faltaram os bons corações. A Casa do Gaiato vem dando o exemplo de bem fazer. É no inverno que a falta de trabalho, principalmente nos campos, mais se sente; é no inverno que a fome e o frio mais atingem a casa dos humildes pobrezinhos. Pois bem, é também no inverno que a Casa do Gaiato leva desde a cidade à aldeia, a sua protecção ao lar humilde dos pobrezinhos, mandando dar-lhes, por intermédio dos seus rapazes pão, agasalho conforto e alegria. Nós aqui em S. João da Madeira, andamos a fazer diligências, para o mais brevemente possivel, termos uma conferência e, para que a mesma possa socorrer alguns dos muitos pobres que cá habitam. Quando fundarmos a conferência lembramo-nos de Frederico Ozanam, o homem que notávelmente se distinguiu na vida dos pobres.

Bem haja, por isso, quem pratica o Bem. Quem dá aos pobres empresta a Deus.

No passado dia 29, fomos de abalada até Macieira de Sarnes com o fim de dar um passeio, e ao mesmo tempo fazermos uma visita a Casa da Snra. D. Laura. Até aqui nada de especial. Passeio pequeno e muito agradável. Partimos às 2 e

45 e regressamos cerca das 19 e 30. Na ida fomos todos na brincadeira, como é costume, e ao chegarmos a esta localidade toda a gente ficou admirada. Sem grandes dificuldades, logo encontrámos a casa da nossa amável Benfeitora, onde nos dirigimos. Casa simples, mas cómoda e modesta. Sentamo-nos e estivemos em amena conversa durante largo periodo. A nossa Benfeitora mostrou-nos muitas fotografias da sua infancia, e muitas de Paço de Sousa e também da sua família, enfim foi uma tarde muito agradável para nós. Depois a Snra D. Laura pôs-nos em cima da mesa muitos figos, bolos, e um grande garrafão de vinho. Comemos com muito apetite e com bom provei-

Nesse mesmo dia tinha vindo uma Snra. propositadamente de Cezar, que fica a 3 três quiómetros de Macieira, para nos tirar fotografias. Tirámos cerca de uma dúzia delas. Após a Senhora nos tirar as fotografias fomos logo jogar a bola, esta foi-nos logo concedida por gente da-quela terra. Ao despedirmos da Snra. D. Laura, ainda nos ofereceu um lindo lenco a cada um. um garrafão de vinho e muitas flores. E' por intermédio do nosso «Famoso» que eu quero agradecer com muita simpatia, todos os inumeros presentes e ofertas desta incansável Benfei-

Realizou-se pela primeira vez nesta terra um desafio de futebol entre os nossos azes e o Atlético Clube Sanjoanense. Como sabem o resultado foi favorável aos gaiatos do Porto por 3-1. Este desafio não era livre, ca la entrada era de 2\$50. O desafio começou debaixo dum calor imenso, e os gaiatos a jogarem abaixo das suas possibilidades, só passado um quarto de hora é que vem a recuperação. Desde então os gaiatos começaram a jogar melhor, levando avançadas boas, mas não eram concluidas por falta de remate. O domínio dos gaiatos era intenso e com esse domínio conseguiram elevar a marca para 31 graças ao seu ponta esquerda que conseguiu marcar duas bolas. Com respeito ao desafio basta. Uma coisa muito agradável foi a visita destes nossos colegas.

Trouxe-nos momentos de grande alegria e mostrou-nos sobretudo que eramos irmãos da mesma familia, grande familia de Deusl Se ontem eramos o rapaz da rua, hoje conscientes da nossa dignidade, sabemos que um futuro de responsabilidade nos espera.

JOSÉ MARIA SARAIVA

MIRANDA No dia da Ascenção, fomos dar um passeio à Senhora da Piedade. Partimos depois da Missa, aproximadamente às dez horas. Chegamos e logo se tratou do almoço, uns à lenha, outros a pôr as batatas para dentro do tacho, mas todos cheios de fome e cansados. No fim do almoç , é que foi subir e subir, uns ainda chegaram ao ponto mais alto daquela serra, mas outros só ao meio do caminho, todos cheios de sangue e picados de silvas e dos matos; foi um pagode e uma alegria. Depois fomos merendar, e no fim rezamos o nosso terço na Senhora da Piedade. Perto das 6 horas regressamos, e assim terminou o no so dia. Depois de tantas fotografias tiradas e de tanta alegria, confessamos que nunca demos assim um passeio tão grande e tão alegre.

No dia 6 de Maio, realizou-se um desafio amigável entre os gaiatos e os alunos do 6.º ano do Liceu D. João III. Foi mais uma visita do que

um desafio. Os visitantes chegaram pela manha para fazerem a visita e fazerem um treino. O dia é que soi péssimo, só a chover a chover; o campo estava cheio de lama e escorregadio, mas não impediu que os gaiatos saissem vencedores, sendo o resultado de 3-2 a nosso favor. A formação das equipas foi a seguinte: Gaiatos—Zé Eduardo; Carlos Alberto, Alfredo e Zé Maria; Afonso e Pinguinho; Setúbal, Bucha, Monarca, Adélio e Snr. P. e Varanda. Visitantes—Cortesão; Lotário, Neves e Fuinhas; Albuquerque e Zé Maria; Brás, Lameiras, Carriço, Sílvio e Amorim. Os golos foram obtidos pelos gaiatos: Zé Maria nas próprias redes e por Bucha e Monarca; pelos visitantes foram marcadores, Neves e Sílvio. Depois de terminado o desafio sairam pelas sete horas os nossos amigos que pela segunda vez nos vêm visitar.

Esteve connosco há dias o nosso Pai Américo que lhe fizemos uma festa como de costume pois que já estavamos à espera há muito tempo, porque nos tinha prometido qualquer coisa quan-do cá viesse. O que será? Tudo perguntava quando chegou. Fomos para a mesa, porque talvez fosse ali distribuido. Tudo estava com pressa para saber o que era. Olha, são rebuçados!...

Ai que bom! Já estava a crescer água na boca. Quando saímos todos diziam que bom presente que o nosso Pai Américo nos trouxe; rebuçados de mel que bem nos souberam. Esfregamos muitas vezes as mãos e desejamos que cá volte mais vezes, que também somos filhos dele.

Nos últimos dias temos tido várias visitas dos alunos do Liceu de Coimbra. Vieram alguns no sábado numa camionete outros no domingo na automotora, e outros ainda na segunda-feira também numa camionete. Todos eles sairam muito contentes porque é aqui que muitos rapazes aprendem a alegria no seu trabalho.

Os nossos pobres, irão com certeza ficar muito contentes porque já recebemos pelo nosso Pai Américo 500\$00 para eles, que nos mandou um Senhor anónimo dos lados do norte. A esse senhor agradecemos muito em nome dos gaiatos e dos nossos pobres, e pedimos aos nossos leitores cá de perto que não se esqueçam de quem tanto precisa. Estamos a ver que os senhores lá de ci-ma são os que estão a bater o «record», e não pode ser assim. Pedimos aos nossos queridos leitores que leiam com atenção o nosso pedido.

CARLOS MANUEL TRINDADE (Sardinha)

COIMBRA No primeiro dia em que fomos visi-tar os nossos pobres, ficamos admirados com a miséria que vai por esta linda ci-

Os nossos pobres estão localizados nos extremos da cidade. Em Montes-Claros, Bairro das latas, e Estação Nova É neste último, que temos de trabalhar mais. É ali que está a miséria. São crianças esfarrapadas e sujas. Se alguém fosse até àquele recanto ficava admirado. Se fossemos a contar o que vimos, talvez a tinta da caneta não chegasse. Hoje vai só um exemplo, porque há muitos mais para contar, mas hoje vai o

Vive ali uma mulherzinha que mora no rés--do chão duma casa. Não pensem que é um quarto nem outra coisa parecida. É um curral que nem espaço tem para uma ovelha viver. Quando quer dormir não se estende, encolhe-se, ou fica encostada à parede porque o recinto não tem mais do que um metro quadrado. Não é só isso. Por ali fazem despejos de porcaria, lixo água suja, um mar de imundicies. Vamos a ver quem nos acode para salvar esta pobre. Já lá tem um cobertor mas não é nada. A nossa confe-rencia está em fraco progresso. Quem nos quer ajudar? Amigos conimbricenses, ajudai-nos porque a nossa conferencia é só para bem da cida-Se não fosse o Pai Américo ter-nos dado 500\$, já não tinhamos nada em caixa.

Domingo dia 6 de Maio, deslocamo-nos até Miranda onde recebemos a visita dos alunos do 6-º Ano do Liceu de D. João III desta cida-de. Alguns destes rapazes já cá vieram o ano passado, mas quizeram cá vir outra vez para admirar a nossa Obra. Que venham muitos. De tarde realizamos um encontro de futebol. O jogo começou às 15 horas, decorreu leal e correto e bem disputado por ambas as equipas. A vitória sorriu-nos por 3-2. Antes do encontro os capitães das equipas trocaram entre si um ramo de flores.

Isto é em Coimbra. Eu era capaz de dizer aonde, tais as recordações do berço da obra! E' a sombra; a sombra, ao passar, abria a alma dos becos. E'a Luz quem projecta a sombra!



Aqui há dias vinha uma carta a dizer que a Obra da Rua, por alcunha do P. Amé-

e nada mais.

rico, é uma obra de Deus. Esta sombra confirma. É a Luz quem projecta a som-

Uma sombra. Vê-se aqui uma sombra. Uma sombra

bra...

da Nossa Aldeia

Gaiatos: Zé Eduardo; Alfredo, C. Alberto e Zé Maria; Setúbal e Afonso; Pinguinho, P. José,

Bucha, Adélio e Monarca. Estudantes: Cortezão; Lotário, Veiga e Fuinhas; Albuquerque e José Maria; Brás, Lameiras, Carrito, Sílvio e Amorim.

Houve várias modificações no grupo dos estudantes durante a primeira parte. O resultado foi feito na primeira parte. Aos 18 minutos José Maria que tentava atirar a bola para fora esta foi se aninchar nas próprias redes. Aos 24 minutos Veiga fez o empate, por causa dum falhanco da nossa defesa. Este jogador voltou a mar-car aos 35. Mas o empate apareceu logo. Fu-inhas aos 41 minutos tentava repelir o esférico, mas este em vez de tomar o rumo do campo, tomou o da baliza. Aos 43 minutos Monarca obteve o golo desejado. O da vitória. Na segunda parte o nosso grupo superiorizou-se e a nossa defesa portou-se bem. O árbitro foi imparcial, deixando passar muitas coisas. O nosso grupo

JOSÉ MARIA FERNANDES

PAÇO DE SOUSA O Tiroliro e o Pre-cuidar das nossas pombas. Mal acabam o trabalho, lá estão batidos, assim como aos domingos, que é raro arredarem pé de lá.

apesar de estar abaixo de sorma conseguiu mais

um honroso resultado.

Por aqui podem os senhores ver como eles são amigos das pombas. Por isso em nome deles, vinha fazer um pedido.

É que temos poucos casais, e se os senhores quizerem mandar alguns, desde já, eles muito

Aproveitamos para agradecer ós Senhores de Famalicão, os casais que nos enviaram.

Os grandes vão ter uma casa só para eles. Já andam a arranjar a casa I. Vai ser dividida em divisões pequenas, para cada um ter o seu quarto. Daqui a uns 2 meses já deve estar tudo concluido. Vão fazer uma escada que ligue pela mesma porta, o andar de baixo com o andar de À casa deve ficar com 12 quartos.

O Sar. P-e Américo, quer separar os grandes dos pequenos, porque já cá há rapazes com 20

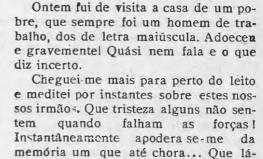
No domingo veio à nossa Aldeia uma excursão de Gaia, com umas poucas de camionetas. Tiveram pouca sorte, porque o dia não estava muito bom para visitas. Juntamente vinha o grupo Madalenense, os quais, de tarde, fizeram um jogo com o nosso Team. Mal começou o desafio, começaram a cair grandes aguaceiros, obrigando a assistência a abrir os guarda-chuvas. Ganhamos por 5 - 2

O nosso invencível alinhou: Juvenal; Manuel, Sérgio e Constantino; Prata e Rio Tinto; Jacinto, Elvas, Carlos, Daniel e Gari.

Ainda ninguém se lembrou de nos mandar uma bola. Já fomos pedir ao Snr. P-e Américo, para dar dinheiro para uma Ele diz que elas são muito caras, que não tem dinheiro para bolas. Diz para pedirmos ós senhores. A gente vai pedindo... Qualquer dia temos que arranjar uma bola de trapos. Apelamos para os senhores de Porto, pois já nos têm valido noutras ocasiões.

Os rapazes do Sejaquim andam todos atare-fados com a próxima deslocação a Braga. São os batatas. É o Manuel—a graça da nos-sa Aldeia. São os Tipógratos. É o orteão com o Sejaquim ao piano. Vai ser um delíviol Não se esqueçam da nossa festa, Senhores de

FERNANDO MARQUES



uma oração ao Altíssimo, de improviso. Eu admiro-os, pela sua resignação e

grimas! Que profundeza elas não têm!

Não se revolta; chora. Por vezes, entoa

Poderiam reclamar justiça. Mas não; Mais uma lição que dão ao mundo que os ignora ou faz ignorá-los por comodi-

Do que estou a falar já tive oportunidade de trazer a este cantinho dos nossos irmãos Mas estas palavras nunca são demais por insuficientes... Pois bem Aproxima-se a velhice e, como disse, ou se incorporam nas bichas ou então aninham-se nas tocas e por lá vegetam até o Senhor se lembrar de os levar para a Sua presença. E estamos nós no século das grandezas científicas, sendo necessário também defender a civilisação...

Somos pobres, sim, mas na pobreza pode haver tanto quanto possível justiça. Isto não é fantasia. O que vale é que de vez em quando alegro-me e vejo coisas como esta: numa certa parte do globo, ao atingirem os seus habitantes o período de velhice, dão lhe o suficiente para o resto da vida. Os Poderes, insatisfeitos, constroem lhes milhares de casas em aldeias! Quais instituições!... Isto é uma maravilha e em nada destoa a sua vida de sociedade, pois é a mesma, assim como a sua liberdade.

Claro, abeiro-me dos que faço meus pobres e a minha consciencia juvensl d i-se. Tem de doer. Nós temos uma Doutrina tão fácil e tornamo-la tão diffcill ()ferecê·la a outros é atraiçoá-la, pois custou a vida ao nosso Mestre que se fez ho nem e veio ao mundo ensinar--nos o Caminho, a Verdade e a Vida.

Tratemos agora do que nos deram esta quinzena. Como não pode falhar, os portuenses têm um gosto muito especial de serem os vanguardi-tas. Tanto assim que, o primeiro foi alguém do Porto a puchar por 100\$00, para suprir as dificuldades dos nossos irmãos que sofrem. Depois de Guimarães são vinte. Esperamos outros senhores vimaranenses! Ai é o berço da nacionalidade. Por isso... E agora Uma modesta dona de casa que à medida que for economizando, assim irá mandando; mandou 50\$00 e é do Portol Eu estou a ver... Um senhor de Ermezinde diz que sim com 10\$00. E outra Senhora do Porto encerra este cantinho com 20\$00. Eu estou a ver...

1. M.

PROPAGAI "O GAIATO,, Angariando novos assinantes



O Moléstia injuriou-me. Foi assim: eu perdi uns documentos e chamei o Avelino para me auxiliar na procura dos ditos. Como ele nada tivesse adiantado, chamei o Júlio. Aconteceu-lhe o mesmo e eu chimei o Piolho. Coneçou a saber-se na Aldeia a causa de semelhante rebuliço. Chegou aos ouvidos do Moléstia. Este sem ser rogado, vem ao meu escritório e planta-se na minha frente; não chame mais ninguém que não vale a pena. Os documentos toram, pró caixote. Eu tiro de lá muita esisa boa quando vou ós selos. O Moléstia injurou me.

Trago hoje novamente a esta coluna o Amadeu Récio. O Récio da Murtosa. Ele é u ma riqueza que andava perdida? Hoje é a andorinha do refeitório dos grandes, pela sua beleza no trabalho. Mas o que mais me encanta é ver o Récio uma vez por outra e no meio dos seus rapazes, tirar a chave di algibeira, abrira porta do seu armário; tomar uma caixa que lá guarda; e enquanto todos comem ele deleita-se, descuidado, com os pequeninos tesoiros. Imediatamente a seguir fecha a sua caixa, guarda-a e prossegue nos seus trabalhos. Flor que andava perdida e talvez viesse a ser calcada se não fosse a nossa Obra! Eu da minha mesa, enquanto como o caldo, observo os graciosos movimentos do rapaz. Em mais nenhuma parte que fosse aqui, ele poderia jamais fazer isto que faz; nio teria a sua caixa, não teria os seus tesoiros, não teria liberdade. Faltar lhe ia a posse da vida e o gosto de a viver. Aqui não. Aqui têm tudo. Flor que andava perdida ...

Também trago aqui hoje o Pio-1ho; o Fernando Marques de Coimbra. Miudo que ainda hoje é, veio para nós muito pequenino e chamavam-lhe a piasca. Depois do seu exame, foi transferido para o Lar do Porto e colocido em uma firma comercial. Júlio requisitou o.

Ele despede-se e vem para Paço de Sousa na qualidade de auxiliar; trabalha ao lado do Júlio. Mas Piotho dá nos muitos trabalhos. E' um insatisfeito. E' irrequieto. Ao chegar aqui, instalou se num quarto do andar fundeiro da casa 2, e depois de algumas semanas resolveu mudar-se para o andar cimeiro e assim percor-



- Ele andava ùltimamente com os dentes a espelhar...

reu a casa 3 e a casa 4 em repetidas mudanças. Piolho nunca está satisfeito. No escritório ocupa-se em transferências constantes. Vai ao escritório do Avelino e discute. Faz o mesmo com os rapazes impressores e compositores, tendo chegado a pontos de comer boas de alguns. Na sua gaveta costuma ter livros de grandes fantasias. De vez em quando arranja a sua doençazinha. Mas a úitima, liquidou-o. Foi ontem. Ele arrumou uma côdea à face de um dos mais pequenos deixando-o muito maltratado. A noite houve um tribunal fe-! roz; poucas palavras mas todas boas. Piolho ganha. Piolho recebe 150\$00 por mês e isto serviu para o castigar severamente. Foi-lhe dito solenemente, que estou aqui para o aturar, mas, por cima, pagar-lhe, isso não. Poucas palavras mas boas. Quando Piolho mudar de rumo, eu mudarei de ideias. E mais nada.

Muito mais poderia dizer, se não fosse o espaço faltar; ainda assim, não me poupo a esta: Piolho andava ultimamente com os dentes a espelhar. Ao mesmo tempo, o meu tubo de pasta, diminuia a olhos vistos! Foi--se a ver e deu certo ... Era ele!

Fui ter ontem ao campo com um lote de ceifadores; era uma alegrial Notei que um deles tinha os dentes muito sujos e como lhe chamasse a atenção para isso, eis quetodos os mais mostram os seus dentes. Olhe. As bocas reluziam Eles explicam: o chefe do Cartola não presta pra nada. O nosso chete é o Valete. O nosso chefe é que é. Ele obriga-nos todos os dias a lavar os dentes.

Esta lição dada ao mundo inteiro bem merece ser lida meditada e comungada. Eu fui o primeiro a recebê-la. Aonde está ela? Na conciliação perfeita dum chefe que obriga com a satisfação do súbdito que aceita. Ele obriga-nos E a alegria de todos estava nos olhos de cada um. Ora isto só é possível numa obra de rapazes pelos rapazes. Fosse um estranho a obrigar que todos tomariam por um fardo as suas ordens.

Risonho não cabe em si de contente. Pois como não, se ele recebeu esta carta e já foi à venda com o relógio no pulso!!

Um arupo de funcionários da Câmara Municipal do Porto, assíduos leitores do «Famoso» e conhecedores do grande anseio do «Risonho — um relógio de pulso —, quotizou-se e adquiriu este que seque junto, rogando a V. Ex. a o alto favor de proceder à sua entrega.

Com esta prenda, desejamos afirmar ao nosso «Risonho» a grande estima e, ao mesmo tempo, o nosso apreço pela sua qualidade de «gaiato do Padre Américo» — o seu título de nobreza! -; e esperamos que ele seja sempre diano dele e dele se oraulhe! Que seja um incentivo à sua conduta e um estímulo para o tuturo.

Mas o que tem graça, é que a gente, ao ler a carta, não sabe se há mais alegria na alma do Risonho do que na dos funcionários que deram o dinheiro e compraram o relógio e colocaram-no dentro duma linda caixa e envolveram-na com papel magnifico e uma fita preciosa; e foram en-



Um carro de rodas, é a permanente tentação. Ele serve para tudo. Melhor; os rapazes de tudo se servem para o fazer andar.

tregar tudo no Espelho da Moda. Não sabemos a quem atribuir a ale-



O Bucha fugiu ontem. Declarou à malta que estava cá há muitos anos e que nada tem adiantado e que se ia embora. Foi.

Bucha tem demonstrado, por mais vezes, ser um rapaz destemido. A sur entrada, em pequenino, foi, já, uma ousadia. Ele tinha seis anos e veio de Espinho até nós, sem saber caminhos!

Fugiu há dias manhazinha. Encontrei o no Porto Passamos rentes. Eu disse-lhe adeus com a mão e ele parou, a olhar... De longe, volto-me e Bucha estava no mesmo sitio, a olhar ...! A tarde chego a casa. A aldeia estava cheia da notícia; chegou o Bucha!



O Botas tem-se ultimamente alargado mais e os juntares de agora são de apetecer. Hoje entrei no refeitório. Eram batatas ensopadas.

Recendiam. Provei as bitatas e aprovei o Botas. Com grande espanto meu, noto que um dos grandes, depois de ter comido o caldo e ter à sua frente o prato das batatas, não comia. Levantei-me da mesa e fui-lhe perguntar. Que estava à espera do chefe, disse-me. Que queres tu do chete? Não queria nada.

O Tobias, pois era ele, queria pedir mais batatas. Não tinha ainda comido, mas porque lhe cheirasse bem, queria o prato mais cheio antes de começar! Ora vejam os senhores e digam-me se isto é ou não gula da boa. Eu preguei a gula.

Quem me guarda agora o Português Suave é o Récio.

As horas, ele tira uma corrente de chaves da algibeira. Vai a um armário e tira de lá uma ciixa, aonde guarda as suas coisas.

Abre. Oferece me um cigarro. Acende-mo. De novo o guarda, fecha a caixa, arruma e pronto. E' o Récio. O Récio da Murtosa,

Hoje não resisti que não trouxesse do Porto um pequenito no Morris. Enquanto o carro se detem na Rua e ele dentro, noto que ele é um rapaz

de grande clientela. Parece que todos o conheciam. Os mais pobres, talvez da rua do pequenitos eram os que mais sentiam e retiravam-se de ao pé dele a dizer brevemente te veremos no Porto a vender o Gaiato. Chegado que fui à nossa aldeia, fiz parar o carro ao fundo da avenida para ver umas obras em curso; e fiz descer o pequenito, na mente de o apresentar aos seus colegas. Pois não foi preciso. O hospede deixa-me ficar sozinho e desata a correr a avenida acima. Quindo cheguei ele estava instalado! À hora da ceia, apresenta-se no refeitório dizendo - quero comer. E comeu. Sabemos que ninguém nasce para comer, mas sem isso ninguém vive. Pelo que acabo de relatar, fiquem os senhores sabendo que hoje chegou mais um homem à nossa al-

QUI há tempos recebemos um quase-tardo de roupa interior de alguém de posição social. Dentro vinha uma carta acautelada e nós mandamos imediatamente proceder a meticulosa desinfecção. O caso foi, até, proposto ao médico da Casa do Guiato. Desembaraça dos deste problema, fizemos várias trouxa; para fácil distribuição Alguns pacites couberam a pobres rurais, tal a fartura e boa qualidade das roupas; outras foram entregues no Barredo, ao p.s da cama dos doentes.

Tomei o Domingos comigo, por ser rapaz prometedor, e fomos pelos lugares aonde a nossa presença é estimada. Colocavamos os embrulhos sobre qualquer mesa, e retiravamos para outros sítios. Nas visitas seguintes é que veio o espanto. Tanto e. tal que nenhum dos doentes visitados resistiu à tentação de mostrar. Alguns descobriam-se, esquecidos totalmente das regras do recato e da modéstia. Os olhos brilhavam de alegria. Passavam os dedos da mão pelo tecido e diziam palavras carinhosas; eu escutava silencioso a gratidão dos barredos.

Aquele alvoroço de roupa decente e lavada quer dizer que o desconforto destes infelizes é uma segunda doença que os atlije. Além de tudo o mais, falta-lhes roupa. Pois bem; mandem-nos roupa. Mesmo que tenha servido a doenças contagiosas; se formos devidamente avisados, o mal remedeia-se. Do que eu mais gosto é de ouvir o interesse dos meus rapazes; eles querem saber tudo no meu regresso daquelas viagens. Eles pedem para me acompanhar nas suas horas vagas. E eles dão pequenas moedas de prata das suas economias. Eles sentem com os pobres. Nós não podemos ter cursos de religião em nossas comunidades. Não podemos ter. Os rapazes são a passar de quatro centos e os sacerdotes são três. Por isso mesmo temos de nos virar para os pobres. Temos de lhes dar gosto de servir os pobres. O amor do Próximo é semelhante ao amor